



NÚMERO 4

MARÇO

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº. 2083, de 5 de março de 2021. Não pode ser vendido separadamente.

Diretor Filipe Alves
Diretor Adjunto Shrikesh Laxmidas
Subdiretores Leonardo Ralha e Lígia Simões
Diretor de Arte Mário Malhão

UNIVERSIDADES

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica



INVESTIGAÇÃO, ENSINO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Nova investe sete milhões em centro de arte e tecnologia

Universidade Nova de Lisboa vai criar Instituto de Arte e Tecnologia de topo mundial, num investimento de sete milhões de euros, revela o reitor, João Sàágua, ao JE. Projeto pioneiro envolve uma parceria com o Município de Almada e junta as duas maiores escolas da NOVA: a Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

É uma ambição que João Sàágua por fim concretiza. Tornou-a pública quando se candidatou a reitor, em 2017, e dá-lhe vida na reta final do mandato. “O Instituto de Arte e Tecnologia (NOVA IAT) é uma das plataformas interdisciplinares que tinha previsto na minha candidatura”, afirma ao Jornal Económico o reitor da Universidade NOVA de Lisboa.

O Instituto, uma infraestrutura de topo mundial, vai nascer na margem sul do rio Tejo, no emblemático forte da Trafaria, que continua a crescer a História. Construído no século XVII para complementar a linha de defesa de Lisboa, transformado em presídio militar durante a guerra civil que opôs Liberais e Absolutistas, vai ter uma nova e estratégica função: ser o primeiro centro de investigação, ensino e criação artística, que combina arte e tecnologia, em Portugal.

João Sàágua revela ao JE que o investimento ronda cerca de 7 milhões de euros, que se destinam à requalificação dos edifícios e aquisição de equipamentos tecnológicos de ponta. O primeiro passo do projeto foi dado com a assinatura, no passado mês de fevereiro, da parceria entre a Universidade NOVA de Lisboa e a Câmara Municipal de Almada. Inês de Medeiros, a presidente, destaca o contributo da infraestrutura para impulsionar o desenvolvimento social e económico da Trafaria, em particular, e de Almada, no geral.

O NOVA IAT, explica-nos o reitor, será um espaço interdisciplinar que “olha a interface entre a arte e a tecnologia como meio privilegiado para intervir criativamente na sociedade, contribuindo com inovação de ponta para o seu desenvolvimento sustentável”.

É também um modo de juntar forças das duas maiores escolas da NOVA: a Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas num grande

projeto aberto à sociedade, inovador e fortemente internacional. “Será um espaço aberto e inclusivo, desenvolvido com parcerias nacionais e internacionais, mas que dará especial atenção às várias comunidades locais, funcionando como ecossistema de qualificação da população e do espaço envolvente”, acrescenta.

O espaço do antigo presídio deverá ser parcialmente ocupado em 2022, contando-se que o esteja em definitivo em 2023. Porém, neste momento, diz João Sàágua, o NOVA IAT “já começou, de alguma forma,

a funcionar”. A antecipação deve-se ao projeto europeu T-Factor, financiado pelo Horizonte 2020 e integrado pela Nova. Este projeto, que reúne universidades e cidades europeias, bem como empresas em torno do objetivo de regenerar espaços urbanos antigos com relevância histórica, tem já atividades previstas para este ano, que decorrerão em instalações cedidas pela autarquia de Almada, bem como pelas duas faculdades da NOVA envolvidas. A este projeto, acrescenta o reitor, esperamos que se juntem vários outros, localizados nos mesmos sítios. “Em paralelo, começaremos a recuperação dos edifícios do Presídio, o que será feito de forma gradual”, adianta.

No futuro, o NOVA IAT vai disponibilizar cursos de formação avançada, intermédia e inicial, ao nível do mestrado e doutoramento, bem como uma oferta de *short courses* e formação profissional. Qual fénix renascida, o antigo presídio será, em breve, um centro de vida e do conhecimento. ■



JOÃO SÀÁGUA
Reitor da Universidade Nova de Lisboa

ÍNDICE

2 Perspetiva
Para Rui Pedrosa, presidente do Politécnico de Leiria, o mundo do futuro está no conhecimento

3 Análise
Politécnicos querem aproveitar Plano de Recuperação e Resiliência para formar portugueses e impulsionar inovação pedagógica

4 Entrevista
Miguel Tamen, Diretor da Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa: “Uma boa universidade é o resultado incerto de haver instituições robustas, com recursos próprios, e não submetidas ao poder político”



6 Ciência
Investigadores da UA e IPBragança querem gerar energia elétrica em pequena escala a partir de biomassa florestal

7 Figura
Universidade Europeia tem nova Reitora: Helena Gonçalves Pereira, especialista em Marketing e virada para a ação

8 Inovação
FCH-Católica lança primeira licenciatura em Filosofia, Política e Economia do país. Associa o ‘saber pensar’ ao ‘saber agir’

OPINIÃO



JOÃO SÃÁGUA

Reitor da Universidade Nova de Lisboa

O conhecimento ao serviço da sociedade

O Instituto de Arte e Tecnologia (NOVA IAT) é um dos pilares do Plano Estratégico da Universidade NOVA de Lisboa para 2020-2030, que define como missão da NOVA servir a sociedade, a nível local e global, através do conhecimento, com base em ensino e investigação de excelência, com elevado impacto socioeconómico.

Trata-se de uma plataforma de investigação, ensino e criação artística de referência nacional e internacional que aposta na relação entre a arte e a tecnologia. A Câmara Municipal de Almada lançou-nos o desafio, que acolhemos com grande convicção e entusiasmo. Aliamos o desejo da autarquia em requalificar um espaço com uma história icónica, a preservar, e uma localização privilegiada, como é o antigo Presídio da Trafaria, com a nossa vontade em desenvolver um ecossistema capaz de impulsionar o desenvolvimento social e económico da Região, servir a sociedade e a atividade exportadora do país.

A comunidade do NOVA IAT será diversa, móvel e vibrante. Desde logo, os professores, investigadores e alunos resultantes do consórcio FCT e FCSH, que tem grande know-how nas áreas da arte e tecnologia. Depois, no âmbito do emprego científico, iremos proceder a novas contratações que reforcem algumas valências relevantes. Toda esta comunidade académica será completada pela presença no NOVA IAT dos nossos parceiros nacionais (Universidade de Évora, por exemplo) e internacionais (University of Arts de Londres ou da NYU, por exemplo). Mas, decisivamente importante é a presença de artistas e de profissionais de empresas e do setor público e social, bem como de membros da comunidade local. Estas várias subcomunidades irão colaborar com base em projetos ou em formação e estarão ali enquanto durarem as iniciativas.

Além da formação, a investigação será um elemento essencial e andar de braço dado com a inovação, ambas focadas no futuro, alinhadas com as necessidades do setor público nacional e das empresas portuguesas e internacionais, e nos desafios do desenvolvimento sustentável. Terão por base projetos onde a criação e experimentação serão dominantes e que usarão os sofisticados laboratórios tecnológicos e artísticos do NOVA IAT. Ainda no que respeita à inovação, vamos ter um programa de incubação, aceleração de start-ups e espaço co-working para empresas de arte e tecnologia, de forma a potenciar a integração no mundo empresarial, com os nossos jovens investigadores e a desenhar com elas uma agenda colaborativa de inovação.

Ainda de salientar que o NOVA IAT irá desenvolver um “laboratório de rua” onde todos os elementos das comunidades envolventes poderão apresentar e desenvolver projetos que liguem arte e tecnologia. De forma gratuita, terão o apoio de profissionais e infraestruturas de ponta para o fazer. E apostaremos na realização de residências artísticas. Acreditamos que estas são formas de gerar impacto socioeconómico na Região.

Teremos uma estrutura aberta, sem muros, inclusiva, onde a comunidade do NOVA IAT e as comunidades envolventes se misturam e colaboram. Esta é a missão da NOVA: colocar o conhecimento ao serviço da sociedade.

PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA

Politécnicos querem impulsionar inovação pedagógica

O CCISP apresentou um conjunto de propostas que visam melhorar o documento. Giram em torno de três eixos: criação de formação específica através da rede de politécnicos, aumento das parcerias com empresas e reforço do financiamento da ação social.

Almerinda Romeira

aromeira@jornaleconomico.pt

Os politécnicos querem assumir um papel de destaque na qualificação dos portugueses e consideram que o Plano de Recuperação e Resiliência é o instrumento que precisam. Mas tal como está, o documento é curto na matéria. Pode e deve ser melhorado.

Nesse sentido, o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP), aproveitando a boleia da consulta pública a que o documento foi submetido, apresentou à tutela um conjunto de propostas, que giram, basicamente, em torno de três eixos: criação de formação específica através da rede de instituições do politécnico. Aumento das parcerias com empresas. Reforço do financiamento da ação social.

“Se forem acolhidos poderão melhorar o documento final”, afirma Pedro Dominginhos, presidente do CCISP, ao Jornal Económico (JE).

Inovação pedagógica é a palavra-chave para enfrentar a necessidade de “reforçar as qualificações” dos portugueses, dos jovens aos menos jovens, sobretudo destes últimos, segmento da população onde se verifica a maior lacuna.

“Precisamos de novas formas de ensino, de novas metodologias pedagógicas, de conciliação com a vida profissional das pessoas envolvidas”, adianta Dominginhos. Acrescenta que em algumas zonas do país é necessário “aumentar a oferta pública quer de Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTSP), quer de outras áreas”. Refere-se, em concreto, aos concelhos

a norte de Lisboa, onde é residual ou praticamente inexistente.

Sobre o Plano de Recuperação e Resiliência, que teve a sua génese na visão de engenheiro António Costa Silva e vai buscar o financiamento a Bruxelas, também deixa claro: “este investimento deverá ainda permitir a melhoria das condições laboratoriais, tecnológicas e físicas oferecidas na sua lecionação, para além de contribuir para a contratação de recursos humanos mais qualificados para as instituições de ensino superior”.

O CCISP defende uma articulação mais estreita entre o ensino superior e as empresas para impulsionar o processo de transformação digital. A mudança do paradigma da economia permitirá um aumento da competitividade das empresas por

via do reforço das competências dos trabalhadores. O programa UpSkill, que junta empresas e politécnicos, com respaldo de política pública, é o exemplo de uma parceria estratégica inovadora. Poderá e deverá “servir de modelo”, exemplifica.

O presidente do CCISP, também presidente do Politécnico de Setúbal, diz ainda ao JE que cursos conferentes de graus, como mestrados profissionais, cocriados com as organizações empreendedoras, pós-graduações, formações mais curtas, alinhadas com a estratégia europeia de implementação de microcredenciais, devem ser fortemente apoiados.

Os contributos dos politécnicos enfatizam ainda a necessidade de “formação e requalificação da Administração Pública”, através de programas de formação e capacitação em áreas específicas como as competências digitais, contabilidade pública e auditoria, cadastro, floresta e ordenamento do território, risco natural e antrópico, e inovação territorial, entre outras.

A rede politécnica enlaça 40% dos concelhos do país, o que faz destes, estabelecimentos de proximidade por excelência. Partilham, em muitos casos, o espaço geográfico com Instituições Particulares de Solidariedade Social, Misericórdias e cooperativas. São essenciais à coesão social e territorial, mas são deficitários ao nível da gestão, das tecnologias de informação e da comunicação, como a pandemia tem mostrado. Lacunas que só mais formação direcionada poderá ajudar a colmatar. Neste âmbito, os contributos dos politécnicos também sugerem a criação de um programa de formação de profissionais nas áreas da saúde e das respos-



PEDRO DOMINGINHOS

Presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos



tas sociais. É, justifica Domingui-nhos, a forma de garantir que os investimentos realizados “são acompanhados da necessária capacitação dos profissionais, onde o ensino superior pode desempenhar um papel ativo”, em parceria com as entidades envolvidas.

O CCISP entende ainda que deve ser dada às Instituições de Ensino Superior a possibilidade de liderar as agendas mobilizadoras, instrumento criado no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência, “tendo sempre presente a necessidade de incluir empresas nestas parcerias”.

O problema do alojamento

Os últimos dados do INE revelam que 43% da população portuguesa na

faixa etária entre os 30 e os 34 anos tem ensino superior, o que supera a meta de 40% prevista para 2020. “Um resultado”, sublinha o CCISP a que não é alheio o contributo do ensino politécnico público.

“Foi o subsistema que mais cresceu, em número absoluto, no número de estudantes nos últimos anos, em particular nos Cursos Técnicos Superiores Profissionais, mas também, nas licenciaturas e nos mestrados”, afirma o Presidente do CCISP. Este crescimento, contribuiu, diz, “não só para que Portugal alcançasse a meta da qualificação, como criou maior equidade no acesso e frequência do ensino superior”, uma vez que “a larga maioria destes estudantes provém do ensino profissional”, ainda sub-

-representado no ensino superior. Há, no entanto, um estrangulamento que urge ultrapassar: o alojamento dos estudantes que vêm de fora. As propostas entregues pelo CCISP a Manuel Heitor compreendem o reforço do financiamento para a ação social. A meta é o aumento das camas para alojamento por via da reabilitação das atuais residências e da reutilização de edifícios públicos degradados ou devolutos ou por via da construção. Em concreto propõe-se o aumento do montante financiado a fundo perdido. Tudo somado – segundo o CCISP – poderá ajudar a provocar um choque competitivo e fazer de Portugal um país mais inovador, incluso e coeso. Em suma, melhor. ■

OPINIÃO



RUI PEDROSA

Presidente do Instituto Politécnico de Leiria

O mundo do futuro está no conhecimento

Estamos a viver tempos complexos e de elevada incerteza onde todos, sem exceção, encontramos muitos constrangimentos e desafios pessoais e institucionais para ultrapassar. São múltiplas liberdades que vemos retiradas e que nos fazem dar mais importância a coisas simples, mas que também são aquelas que nos moldam enquanto pessoas e profissionais, como estar com os nossos familiares e amigos, sem pensar ou sem ficar com um peso na consciência, ou, por exemplo, quando perdemos a oportunidade de nos despedirmos de pessoas que marcaram as nossas vidas. Neste contexto, estamos sem possibilidade de assistir a concertos, teatros, visitar exposições e utilizar todas estas dimensões das artes e da cultura enquanto pontos de encontro de reflexão e discussão, ou até de ter contextos informais no trabalho como o café, os “coffee breaks” de seminários e reuniões, ou ainda os almoços de trabalho ou as viagens no âmbito das redes colaborativas nacionais e internacionais que dão confiança pessoal nas relações institucionais. Podia passar este texto apenas a elencar todas estas limitações e coisas que este contexto pandémico nos “roubou” e continua a “roubar”, sem falar do que mais conta, as vidas que se perderam, o efeito na saúde de todos, que vão deixar marcas profundas, mas também as consequências económicas e sociais que ainda vão chegar.

No entanto, no meio de tanta incerteza, houve algumas dimensões que foram por demais evidentes neste contexto pandémico e que vão marcar vincadamente o ensino superior, de modo global, e o Politécnico de Leiria de modo particular. A valorização da ciência e do conhecimento, das redes colaborativas internacionais, a necessidade de termos cada vez mais uma sociedade suportada pelo conhecimento, bem como o facto da competitividade económica global, independentemente do setor de atividade, estar cada vez mais dependente de formação qualificada, da inovação, da criatividade, das redes colaborativas de cocriação e da existência de profissionais que, para além das competências técnicas e científicas, necessitam de ter cada vez mais competências transversais associadas à responsabilidade ambiental, à digitalização, à responsabilidade social e à resiliência cidadã.

Os desafios que vão ficar como consequências desta pandemia serão enormes. É aqui que o ensino superior e o Politécnico de Leiria, em particular, terão que ser ainda mais participativos e estimuladores de estratégias criadoras de valor económico, social e cultural. A formação superior qualificada e promotora das competências de futuro, a investigação com impacto e a inovação ao serviço da competitividade e resiliência das empresas e instituições terão um papel determinante. Em linha com esta ideia, o ensino superior terá que encontrar, nestes grandes desafios, grandes oportunidades, de modo a acelerar a criação de formações de curta duração para a requalificação e qualificação avançada de profissionais, mas também para estimular os contextos colaborativos associados aos projetos de investigação com impacto orientados para a inovação de processos, produtos e serviços. O futuro vai continuar a passar pela valorização da formação superior, da inovação, da multi e interdisciplinaridade e, principalmente, das redes colaborativas europeias e mundiais de ciência, conhecimento e inovação.

Não quero terminar este texto sem falar de algo que este contexto veio valorizar, a globalização, a multiculturalidade, a virtude da liberdade na mobilidade e, principalmente, as redes colaborativas nacionais e internacionais que foram absolutamente demonstradoras de que, se estivéssemos sozinhos, dificilmente teríamos esta resposta à COVID-19. Contrariamente ao que muitos possam pensar, hoje, faz ainda mais sentido apostar num ensino superior mais global, multicultural e internacional, onde a estratégia de internacionalização do Politécnico de Leiria e a participação e liderança da Regional University Network (RUN.EU) terá um papel ainda mais importante, nomeadamente na promoção de uma identidade europeia de conhecimento ao serviço da sociedade e das regiões!

Neste processo construtivo e progressivo na construção de uma sociedade mais coesa e sólida contarão sempre com o Politécnico de Leiria, que trabalha diariamente para ter um papel cada vez mais central na sociedade, na região e no país.

ENTREVISTA MIGUEL TAMEN Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

“As universidades públicas em Portugal são como as famílias infelizes de Tolstoi”

Para Miguel Tamen a autonomia universitária, na realidade, quase não existe e o modelo de financiamento do ensino superior usa critérios iguais para tratar instituições diferentes. “As dotações públicas ganhariam em ser contratualizadas individualmente com as universidades a partir de objetivos e prioridades definidos por cada uma”, afirma o Diretor da FLUL.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Na liderança da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), onde ensina e estudou antes de se doutorar nos Estados Unidos, na University of Minnesota, em 1989, este profundo conhecedor da filosofia e literatura é autor de nove livros, entre os quais “Friends of Interpretable Objects” e “What Art Is Like, In Constant Reference to the Alice Books”, e foi coeditor de “O Cânone”. Docente com experiência internacional – entre 2000 e 2014 foi professor visitante na University of Chicago, e *senior fellow* no Stanford Humanities Center (2003/4) e no National Humanities Center (2010/11) – Miguel Tamen fala-nos da importância da internacionalização para a escola que dirige e dos projetos em curso nesta área.

Alargando o ângulo de análise à Universidade, dá-nos uma perspetiva crítica, independente e, em alguns casos, contrarcorrente: a Universidade está demasiado presa à empregabilidade e não adianta nada; a autonomia do ensino superior, na realidade, quase não existe; a lei de financiamento trata por igual o que é desigual. “Uma boa universidade é o resultado incerto de haver instituições robustas, com recursos próprios, e não submetidas ao poder político”, afirma.

Cerca de um ano antes da Covid-19 obrigar o ensino superior a recorrer de emergência ao ensino à distância, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa deu um passo inovador nesse sentido com o curso à distância “O Meu Português”. Essa visão inovadora fez eco na

comunidade? A procura correspondeu às vossas expectativas?

Francamente não. Mas temos esperança de que as coisas comecem a mudar.

Há muitos alunos a estudar Português como segunda língua? A Faculdade conhece o perfil do estudante?

Cerca de dois mil por ano (este ano menos), no nosso Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Conhecemos razoavelmente os seus perfis.

Que papel desempenha a internacionalização na estratégia da FLUL?

Um papel muito importante. Precisamos de conseguir recrutar mais professores e alunos internacionais, de fazer circular os nossos alunos e professores (e funcionários) por outros lados, e sobretudo definir os objetivos da nossa investigação por aquilo que admiramos mais e não conseguimos fazer bem aqui.

Quantos alunos internacionais tem a Faculdade e de onde vêm? Qual a maior comunidade estrangeira?

Cerca de 15% dos nossos alunos são alunos internacionais, a que acrescentamos os alunos de português língua estrangeira (incluindo-os, a percentagem sobe para mais de 30%). Vêm sobretudo da Europa e, em menor grau, da China e do Brasil.

Quais são as áreas do conhecimento mais procuradas? Qual o curso que tem mais alunos internacionais? A Covid-19 está a interromper esse percurso?

A procura é relativamente bem distribuída, sendo maior nas licenciaturas maiores (Línguas, Literaturas e

Culturas, História, Estudos Gerais e Artes e Humanidades). No entanto, neste último ano a procura dos programas Erasmus sofreu uma diminuição grande e preocupante, de cerca de 50%.

Quais as licenciaturas mais populares da FLUL? Que línguas estrangeiras são mais procuradas pelos estudantes?

Depende do critério. Nos últimos cinco anos todas as nossas vagas foram preenchidas logo na primeira fase de candidaturas, a percentagem de alunos em primeira escolha subiu muito, e as notas de acesso aumentaram em média cerca de dois valores. As licenciaturas com perfis muito flexíveis tendem a ser as mais procuradas. Estudos Gerais (que pertence à Universidade mas é gerido em Letras) tem tido uma procura muito interessante; pensamos expandi-la a mais três escolas. Se tudo correr bem, seremos em breve onze das dezoito escolas da Universidade de Lisboa. A língua estrangeira mais estudada é, sem surpresa, o inglês, seguido, também sem surpresa, pelo espanhol: mas oferecemos cursos em mais de trinta línguas diferentes.

Duas décadas depois da implementação do Processo de Bolonha, as Universidades Europeias começam a ganhar forma. No âmbito da Universidade de Lisboa, a FLUL integra o consórcio UNITE. Qual é o vosso contributo para o projeto?

A minha colega Alexandra Assis Rosa, subdiretora da Faculdade, coordena neste momento uma das *task-forces* do projecto UNITE!, que inclui tarefas tão diferentes como projetos de cocriação da universidade europeia com os estudantes, for-



mação em línguas estrangeiras e comunicação intercultural, programas de orientação de carreira e a criação de um observatório de alumni. São tarefas transversais, decisivas para fazer o consórcio funcionar como uma universidade. Normalmente as pessoas de Humanidades são boas a organizar tarefas transversais.

Em que fase se encontra o UNITE e quais são os seus trunfos diferenciadores?

A oferta planeada centra-se sobretudo nas áreas da energia, da inteligência artificial e da indústria 4.0., todas áreas muito importantes da engenharia e das tecnologias. Para um segundo momento, discute-se a possibilidade de incluir também as Humanidades. A nossa esperança é que gradualmente possa nascer deste consórcio uma universidade. Naturalmente para isso teria de incluir um núcleo básico de humanidades, ciências e artes. Não há universidades sem essas três coisas.

Em julho de 2019, disse ao Jornal Económico que há leis que seria

FAC. DE LETRAS

1911

Fundação

4.443

Alunos

232

Professores

17

Licenciaturas

23

Mestrados

8

Pós-graduações

19

Doutoramentos



Tiago Artalheiro/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

“
OUVE-SE MUITO QUE
O SUCESSO DE UMA
EDUCAÇÃO É UM
EMPREGO NA ÁREA
EM QUE SE ESTUDOU
E PARA A QUAL SE
TERÁ SIDO
PREPARADO.
ESTA IDEIA É UMA
FANTASIA
ENGANADORA.

bom mudar e exemplificou com o Estatuto da Carreira Docente e a Lei sobre Graus e Diplomas. Mudou alguma coisa desde então?

Não.

Nas vésperas do aparecimento do novo coronavírus, o Tribunal de Contas criticou duramente as universidades por não cumprirem a Lei de Financiamento. Qual é a sua opinião sobre o atual modelo de financiamento das instituições de ensino superior?

Não é famoso, nem suficientemente previsível. As dotações públicas ganhavam em ser contratualizadas individualmente com as universidades a partir de objetivos e prioridades definidos por cada uma. As universidades públicas em Portugal são como as famílias infelizes de Tolstói: muito diferentes entre si. Usar critérios de financiamento iguais para todas parece-me irracional e injusto.

Qual é o orçamento da FLUL? Quanto provém do Orçamento do Estado?

“
UMA BOA
UNIVERSIDADE É O
RESULTADO
INCERTO DE
HAVER
INSTITUIÇÕES
ROBUSTAS, COM
RECURSOS
PRÓPRIOS, E NÃO
SUBMETIDAS AO
PODER POLÍTICO

Um pouco menos de €25 M/ano, dos quais cerca de metade do Orçamento de Estado. Não damos prejuízo nem temos dívidas.

Em Portugal, as instituições de ensino superior gozam de autonomia científica, pedagógica, cultural e disciplinar. Está satisfeito com o nível de autonomia atual?

Não. Quase nenhum dos tipos de autonomia que citou existe realmente: os cursos das universidades têm de ser aprovados por uma agência externa, as prioridades de investigação são definidas por uma agência de financiamento externo, os seus alunos são escolhidos por terceiros, os modos de contratação e organização de concursos, a que se aplica o fatal direito administrativo, tornam muitas decisões dependentes de sentenças judiciais, e as tabelas salariais são definidas por uma tutela externa. Em compensação têm muita autonomia cultural.

“A Universidade Como Deve Ser” é o título do livro que publicou, recentemente, com o Professor António M. Feijó.

No seu entender, o papel que a Universidade desempenha hoje é o que deveria desempenhar? Justifique.

No nosso livro defendemos que a universidade em Portugal nunca teve autonomia: dependeu sempre da coroa ou do Estado, e nunca foi muito rica. Apesar de haver exceções, normalmente em escolas ou partes de universidades, os resultados deste sistema não foram bons. O Estado, que em Portugal subsidia direta ou indiretamente uma parte dos custos do ensino superior (público e privado), acha que deve ter ideias sobre o papel da Universidade. Ora o papel da Universidade, de qualquer universidade, não pode bem ser calculado a priori, e penso que não ganha em ser objeto específico daquilo a que agora se chama “políticas públicas.” Uma boa universidade é o resultado incerto de haver instituições robustas, com recursos próprios, e não submetidas ao poder político. As comunidades onde se inventam coisas, se têm ideias novas ou insólitas, e se travam discussões decisivas ou ociosas dependem muito desses fatores.

A universidade está demasiado presa à empregabilidade? Quais são as consequências disso?

Está, e não adianta nada. Vivemos num país parecido com a Suíça em que até os adeptos do capitalismo falam como se vivessemos na China. Ouve-se muito que o sucesso de uma educação é um emprego na área em que se estudou e para a qual se terá sido preparado. Esta ideia é uma fantasia enganadora. A vida ativa das pessoas é muito mais turbulenta e variada que isso. Não é felizmente possível em Portugal dar garantias dessas a ninguém (exceto talvez aos estudantes de medicina, porque a medicina pública é a parte mais chinesa da nossa economia). Dito isto, é melhor viver na Suíça a sonhar com a China do que viver na China a sonhar com a Suíça.

O que falta no ensino superior português?

Falta variedade e autonomia; mas mais que tudo falta interesse pela variedade e pela autonomia. Quer uma quer outra dão muito trabalho, custam dinheiro e têm alguns riscos. ■

CIÊNCIA

Usar biomassa florestal na produção de energia elétrica

Investigadores da Universidade de Aveiro e do Politécnico de Bragança estão a desenvolver uma alternativa sustentável ao uso de combustíveis fósseis na produção de energia. O Jornal Económico foi conhecer este projeto que pode ajudar a prevenir incêndios e contribuir para a descarbonização da economia portuguesa.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Valter Silva e a sua equipa trabalham diariamente com um propósito: encontrar uma alternativa sustentável à utilização de combustíveis fósseis na produção de energia e incentivar a limpeza dos restos florestais prevenindo, assim, os incêndios.

“A ideia do projeto é gerar energia elétrica em pequena escala a partir de biomassa florestal – explica Valter Silva ao Jornal Económico. “Desta forma, com a massificação do sistema, a energia elétrica assim produzida é totalmente verde e renovável e descentralizada, diminuindo as perdas na rede elétrica”, frisa.

O benefício é triplo, sintetiza o investigador: “a prevenção de incêndios, o uso de energia verde e a minimização das perdas. Estas perdas na rede implicam que seja necessário a produção de mais energia para o mesmo consumo”.

Num país em que três quartos do território são floresta, a ideia chave do projecto SUBe – Small Scale Power Generation Unit Using Biomass Gasification – consiste em utilizar os resíduos florestais como combustível num gerador elétrico convencional a gasolina (com as devidas alterações). O gás gerado (chamado gás de produção) no gasificador será, de seguida, usado como combustível num motor de combustão interna que aciona um gerador de energia. O gás produzido necessita ser arrefecido e limpo e, como tal, estes dois estágios são efetuados logo após a sua produção no gasificador.

Nascido há quatro anos de uma colaboração entre a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA) e o Instituto Politécnico de

Bragança (IPB), o projeto dá agora um passo decisivo. O gasificador, esse componente fundamental da unidade geradora de energia, em desenvolvimento desde 2019, foi submetido ao primeiro ensaio e... aprovado. O exame continua até à validação final. Em testes está também o sistema de mistura combustível-ar que doseará a entrada de combustível no motor de combustão interna.

A equipa liderada por Valter Silva junta investigadores e bolseiros da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda, do Instituto Politécnico de Bragança e da Universidade de Aveiro. A saber: Miguel Mendonça, Fernanda Resende, An-

dré Sá, Pedro Gonçalves, Artur Ferreira, António Barbosa e Valdemar Monteiro, da ESTGA, Paulo Brito, Arlindo Ferreira, Hélder Gomes, João Azevedo e João Castro, do IPB. A bolseira do IPB, Sara Boléo e os bolseiros da Escola de Águeda, João Ribau e Victor Mantilla são outros nomes, bem como Alexandre Mota, do Departamento de Eletrónica e Telecomunicações e Informática da Universidade de Aveiro.

Até agora, além do gasificador, a equipa desenvolveu também o sistema de arrefecimento e limpeza do gás produzido para posterior uso no motor de combustão interna.

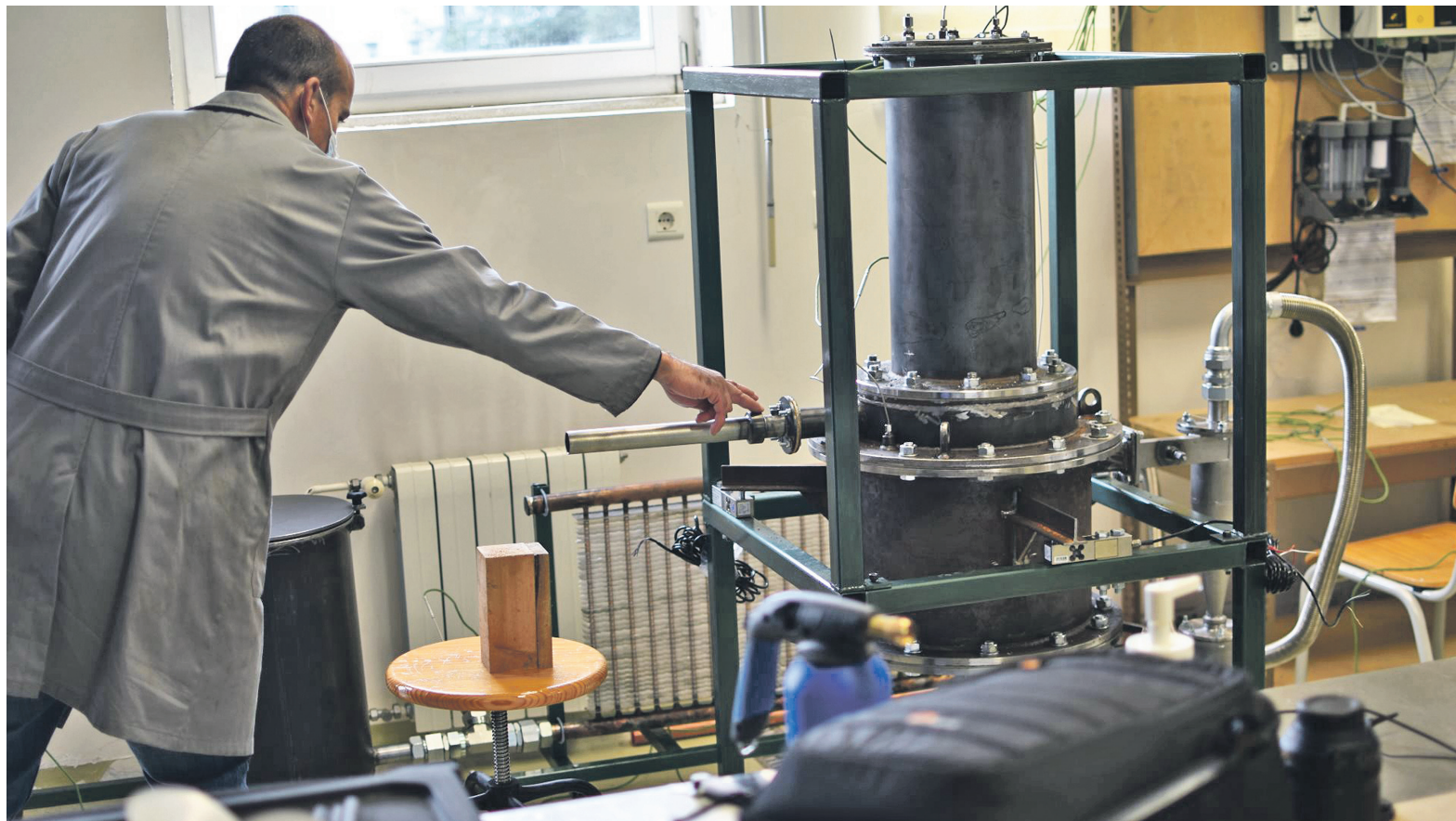
A produção de energia mecânica a

partir da biomassa existe há muito tempo e até foi usada na Segunda Guerra Mundial para movimento de camiões. A novidade dos professores da Universidade de Aveiro e Politécnico de Bragança está na sua dimensão, preço e tecnologia. “Normalmente, as dimensões são muito maiores do que a que estamos a fazer e o preço muito superior”, destaca Valter Silva.

Estes são justamente os trunfos que poderão fazer a diferença num país que tem de acelerar rumo à descarbonização da economia. “Como Portugal é um país com muita biomassa florestal disponível, que muitas vezes é queimada sem aproveitamento, poderia ser uma forma de dar valor a essa

biomassa e, assim, ganhamos todos, já que estamos a aproveitar um recurso”, explica. Por outro lado, acrescenta, “a valorização da biomassa incentiva os pequenos produtores florestais a limparem, prevenindo assim a propagação de fogos florestais”.

O projeto SUBe é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e a pandemia da Covid-19 atrasou os trabalhos que deverão terminar em fevereiro de 2022. No futuro, as pequenas quantidades de energia produzidas poderão vir a ser comercializadas e usadas, por exemplo, em quintas ou casas rurais, sendo consumidas por qualquer aparelho que tenhamos em casa. ■



INVESTIGAÇÃO & DESENVOLVIMENTO

UÉvora lidera primeira Laboratório dedicado ao património

Vai nascer em Portugal o primeiro Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território - IN2PAST.

Missão? Fazer do “património e das artes atores centrais no desenvolvimento da sociedade, tornando-os significativos, sustentáveis e acessíveis num mundo cultural em constante mudança”.

O laboratório associado — título atribuído pela Fundação para a Ciên-

cia e Tecnologia (FCT) — é integrado por sete Unidades de I&D das Universidades Nova de Lisboa, Minho e Évora. Envolve uma equipa composta por 331 investigadores, que vão trabalhar para preservar, estudar e promover o património cultural. Também dispõe de equipamentos únicos para o estudo do património, na sua maioria “concentrados” no Laboratório HERCULES da UÉvora, coordenadora do consórcio.

“Abre-se agora uma nova oportunidade para o estudo e interven-

**PRESERVAR,
ESTUDAR
E PROMOVER
O VASTO E RICO
PATRIMÓNIO
CULTURAL
É A MISSÃO DOS
INVESTIGADORES**

ção nas áreas do património cultural, das artes e das políticas de memória, suportado pelo desenvolvimento da carreira de investigação nestas mesmas áreas”, afirma o coordenador do IN2PAST, António Candeias.

O laboratório é assumidamente multidisciplinar e transdisciplinar, combinando investigação fundamental disciplinarmente variada — da química à arqueologia, dos estudos artísticos à história, dos estudos musicais à antropologia — com uma

capacidade laboratorial instalada de Évora ao Minho.

Atrair talento para a estratégia nacional de emprego científico e carreiras científicas, e por outro lado, ser um ator fundamental para as políticas públicas na área do património, das artes e da memória coletiva constituem-se como objetivos centrais do IN2PAST. O consórcio procurará também tornar-se “um ator relevante na captação de financiamento competitivo científico a nível nacional e internacional”. ■ AR

FIGURAS EM DESTAQUE



RECONHECIMENTO

João Serrenho, presidente da CIN e filho dileto da FEUP

João Serrenho, um dos empresários portugueses mais conceituados, vê agora esse papel reconhecido pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, onde estudou e se formou em Engenharia Química. O Prémio Carreira FEUP 2020 distingue anualmente a excelência do percurso dos diplomados da Faculdade. Presidente do Conselho de Administração da CIN desde 2007, João Serrenho representa a segunda geração da família na empresa fundada em 1917, em plena 1ª Guerra Mundial e para a qual o pai, António Serrenho, também engenheiro químico, entrou como acionista em 1957. Nos anos 70, com o fim do condicionamento industrial, a empresa iniciou uma fase de crescimento que não parou até hoje. “Temos que inovar permanentemente. Inovar não é só inventar coisas fantásticas. É pegar naquilo que está feito e melhorar, porque uma das coisas em que acredito é que é sempre possível otimizar processos”, afirmou João Serrenho ao site da Universidade do Porto. A vida do vencedor do Prémio Carreira FEUP 2020 funde-se com a internacionalização da CIN. Maior empresa ibérica de tintas e vernizes e uma das 50 mais destacadas do mundo, esta multinacional, de raiz portuguesa, está presente em Espanha, França, Alemanha, Holanda, Itália, México, Polónia, África do Sul, Angola e Moçambique. A CIN é uma das parceiras do FEUP PRIME, programa que visa aproximar o universo das empresas da academia. AR



PRÉMIO UC

Tolentino de Mendonça, um homem da cultura, com visão social inclusiva

O poeta, ensaísta, teólogo, bibliotecário e arquivista da Biblioteca da Santa Sé, José Tolentino de Mendonça venceu o Prémio Universidade de Coimbra 2021, patrocinado pelo Santander Universidades. Nasceu na localidade de Machico, Madeira, a 15 de dezembro de 1965, tornou-se Padre em 1990 e foi nomeado Cardeal pelo Papa Francisco em outubro de 2019. Doutoramento em Teologia Bíblica pela Universidade Católica Portuguesa, aí ensinou e foi vice-Reitor, antes de seguir para Roma. Tolentino Mendonça junta a uma vasta carreira académica, uma riquíssima obra cultural e literária entre poesia, ensaios e peças de teatro, distinguida com vários prémios. Também tem colaborado como tradutor e organizador em outras obras. Em 2020 presidiu à Comissão das Comemorações do Dia de Portugal, tendo feito uma preleção memorável sobre como a pandemia de Covid-19 nos “obriga, como comunidade, a refletir sobre a situação dos idosos” e “implica robustecer o pacto intergeracional”. Desta reflexão nasceu o livro “O que é amar um País”. É Comendador da Ordem do Infante D. Henrique e recebeu a Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Instituído em 2004, o Prémio UC, no valor de 25 mil euros, distingue anualmente uma personalidade de nacionalidade portuguesa que se tenha afirmado por uma intervenção particularmente relevante e inovadora nas áreas da cultura ou da ciência. AR

PESSOAS

Mulheres cientistas distinguidas pela L'Oréal

Liliana Tomé, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Joana Carvalho, da Fundação Champalimaud, Margarida Abrantes, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e Inês Fragata, do cE3c da Universidade de Lisboa são as vencedoras da 17ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. As quatro cientistas desenvolvem projectos sobre o cancro, visão, metais no solo e CO2 na atmosfera. O prémio anual de 60 mil euros, dividido em partes iguais, reconheceu desde a sua criação 57 jovens investigadoras no país.

Português na inovação da carne em laboratório

Vítor Espírito Santo, formado na Universidade do Minho, dirige o Departamento de Agricultura Celular na Eat Just, uma das 80 empresas no mundo dedicadas à carne cultivada em laboratório. Antes da atual conquista, o investigador, que é mestre em Engenharia Biomédica (2007) e doutorado em Engenharia de Tecidos (2012) trabalhou nos quatro cantos do mundo, do Reino Unido ao Japão, nas áreas da biologia celular, engenharia de tecidos, bioprocessos e empreendedorismo.

Politécnico de Leiria, uma casa de atletas

A delegação enviada pelo Politécnico de Leiria aos Campeonatos de Portugal de Atletismo, regressou a casa em glória e de medalha ao peito. Evelise Veiga e André Pimenta, da licenciatura em Gestão da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, triunfaram no Salto em Comprimento feminino e masculino e tiveram direito ao ouro. Evelise Veiga bisou a subida ao pódio para receber a medalha de prata na modalidade de Triplo Salto feminino. Ainda no Triplo Salto feminino, Ana Oliveira, da pós-graduação em Direção de Organizações de Intervenção Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) alcançou o terceiro lugar e arrecadou o bronze. Por sua vez, Rafael Correia, do curso de Engenharia Informática da ESTG, conquistou a medalha de bronze nos 60 metros barreiras masculino. Em Braga, nos dias 13 e 14 de fevereiro, o Politécnico de Leiria esteve representado por 10 estudantes-atletas, havendo ainda a assinalar os bons desempenhos de Joana Pontes, da licenciatura em Fisioterapia da Escola Superior de Saúde, que obteve o quarto lugar nos 3.000 metros Marcha feminino, Francisco Curvelo, do mesmo curso, foi quarto nos 60 metros masculino e Eliana Bandeira, do TeSP em Serviço Jurídico da ESTG, que terminou em quarta no Lançamento do Peso feminino. Nesta modalidade, o quinto lugar foi para Inês Carreira, estudante da licenciatura em Desporto e Bem-Estar.

NOVA REITORA DA UNIVERSIDADE EUROPEIA

Especialista em Marketing e virada para a ação

Movida pela vontade de fazer, de inovar e apostada em envolver as equipas com quem trabalha nos objetivos por si definidos – assim é Hélia Gonçalves Pereira, a nova reitora da Universidade Europeia. É este triplo olhar que traz para a liderança dos destinos académicos desta universidade privada durante o próximo triénio. Doutorada em Gestão com especialidade em Marketing e um mestrado em Gestão de Empresas,

ambos pelo ISCTE-IUL, detém ainda um MBA pelo ISCTE Executive Education e uma pós-graduação em Estudos Europeus pelo ISEG. Licenciou-se em Economia pela Nova SBE, tendo como principais áreas de investigação o Marketing Digital, o Marketing Relacional e o Marketing Turístico.

O seu percurso de 20 anos no ensino universitário é marcado pela integração e desenvolvimento de projetos. É defensora de uma maior



HÉLIA GONÇALVES PEREIRA
Reitora da Universidade Europeia

ligação entre a academia e o meio empresarial, sendo responsável por vários projetos de formação e consultoria.

Enquanto reitora da Europeia, Hélia Gonçalves Pereira espera reforçar o posicionamento da Universidade “como instituição de referência no ensino universitário português” e “promover diplomados cada vez melhor preparados para os desafios de um mundo efetivamente global”. ■ AR

FCH-CATÓLICA

Novo curso junta reflexão filosófica às esferas política e económica

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

A licenciatura em Filosofia, Política e Economia chega a Portugal pelas mãos da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, onde arranca já no ano letivo de 2021/2022. Este curso nascido na Universidade de Oxford no anos 20 do século XX, é conhecido pela sigla PPE e lecionado nas mais prestigiadas universidades da Europa do Norte e dos Estados Unidos.

“Pretendemos que os estudantes consigam conjugar a reflexão filosófica com o conhecimento do funcionamento dos sistemas políticos e económicos”, afirma Nelson Ribeiro, Diretor da FCH-Católica.

A natureza interdisciplinar da formação é o passaporte que permitirá aos estudantes obterem uma “abordagem ampla e integradora” dos desafios que se impõem às sociedades contemporâneas e que, com alguma dose de probabilidade, vão ajudar a resolver no futuro. Isso mesmo antevê Nelson Ribeiro: “os grandes desafios que temos pela frente enquanto sociedade exigem líderes capazes de articular a reflexão eticamente sustentada com um conhecimento aprofundado da inter-relação entre as esferas política e económica”.

A nova licenciatura da FCH-Católica associa, nas palavras do seu Diretor, o ‘saber pensar’ ao ‘saber agir’ e ‘saber fazer’, capacitando os alunos para uma intervenção ancorada na reflexão crítica, indispensável à construção coletiva do bem comum e de um mundo melhor. A formação dos profissionais é crítica para que possa ser cumprido



esse desiderato. “Nos dias de hoje é essencial formarmos os nossos estudantes para enfrentarem os desafios do futuro, o que implica serem proficientes a cruzar conhecimentos de diferentes áreas disciplinares. É, por esta razão, que todas as licenciaturas da Faculdade de Ciências Humanas têm uma natureza interdisciplinar”, explica o Diretor da FCH-Católica.

Nomes maiores da política, como Bill Clinton, antigo presidente dos EUA, e figuras do humanismo, como Aung San Suu Kyi – Prémio Nobel da Paz de 1991 e chefe do governo de Myanmar detida após o golpe de estado de 31 de janeiro último neste país asiático – e Malala Yousafzai, a jovem paquistanesa que estudou no Reino Unido após ter recuperado da tentativa de assassinato no seu país, cursaram Filosofia, Política e Economia e contribuem para o seu prestígio.

Como qualquer triângulo, também este curso está arquitetado em três vértices: A Filosofia, que possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico, essencial para a problematização dos fenómenos políticos, económicos e sociais. A Ciência Política, que desempenha um papel preponderante no currículo da formação, ao permitir que os alunos adquiram um conhecimento aprofundado sobre as instituições e os processos políticos numa comunidade global. A Economia está presente no curso para dotar os alunos de um conhecimento rigoroso de macro e microeconomia.

A licenciatura da FCH-Católica está inserida no contexto de Bolonha, tendo, por isso, a duração de três anos. Michael Baum e Inês Bolinhas são os coordenadores do curso. ■

BREVES

UC e PTomar inovam em cadeira de rodas

Pela primeira vez, uma equipa de investigadores do Instituto de Sistemas e Robótica da Universidade de Coimbra e do Instituto Politécnico de Tomar desenvolveu um sistema de interface cérebro-computador que garante praticamente 100% de fiabilidade e precisão no controlo de cadeiras de rodas através do cérebro, sem exigir grande esforço mental ao utilizador. A nova abordagem combina três componentes: ritmo personalizado, comandos de tempo ajustado e controlo colaborativo. As cadeiras de rodas guiadas pelo cérebro são uma solução promissora para pessoas com deficiências motoras graves, que não podem usar interfaces convencionais.

UMinho define estratégia de evacuação para vulcão

Dois investigadores da Escola de Engenharia da Universidade do Minho definiram um conjunto de estratégias de evacuação face à atividade do vulcão Popocatepetl (“montanha fumegante”, para o povo asteca) no centro do México, uma das zonas mais populosas e sísmicas do mundo. O estudo de Rafael Ramirez Eudave e Tiago Miguel Ferreira saiu na revista científica “Geohazards” e pretende contribuir para apoiar as decisões das autoridades. Popocatepetl é um dos vulcões mais ativos da América do Norte.

Equipa de Coimbra estuda stresse em abelhas

Uma equipa de investigadores da Univ. de Coimbra colabora com o grupo “MUST-B”, criado pela Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar, para estudar o risco integrado de fatores de stresse em abelhas melíferas e avaliar formas de os mitigar através da melhoria da gestão das culturas e das paisagens agrícolas. A equipa do Departamento de Ciências da Vida da Fac. de Ciências e Tecnologia, coordenada por José Paulo Sousa, é responsável pela recolha de dados de campo sobre o desenvolvimento de colónias e paisagem envolvente.

ISEG

Clara Raposo: “Partimos de um passado muito rico para um futuro que queremos maior”

O ISEG tem nova imagem. A primeira escola de economia e gestão do país assinala os 110 anos de história com uma mudança visual.

“Partimos de um passado muito rico para um futuro que queremos maior, onde cabem uma casa, um foguetão, um coração ou uma *open mind* – afirma Clara Raposo, presidente do ISEG –, reflete o nosso espírito de inclusão e equilíbrio e o convívio com as artes e a criatividade, que são elementos indispensáveis para as novas gerações de gestores e economistas.”

A nova identidade, que transporta “um passado”, mas tem pela frente “um futuro ainda maior”, aponta, nas palavras da presidente, “para a frente, para cima” e destaca os valores do ISEG ligados “à vanguarda, à inovação, ao pluralismo, ao rigor e ao humanismo”.

Desenvolvida pela escola do Queilhas em parceria com a consultora de estratégia de marca e inovação Saint Pirate e a produtora el-Hey, a mudança de identidade visual inaugura também a nova assinatura “Open Minds. Grab the Future”, que afirma o novo posicionamento da marca ISEG e será o tema central de uma campanha institucional.

A nova imagem é o resultado do trabalho de vários meses, que começou pelo diagnóstico e reflexão estratégica, envolvendo dezenas de *stakeholders* internos e externos, e estará patente em toda a comunicação da Escola.

O ISEG Lisbon School of Economics & Management integra a Universidade de Lisboa, de que é a única escola de negócios. Tem em marcha um forte processo de internacionalização. ■ AR



250

O Santander Universidades e a Universidade do Porto lançaram a formação online U.Porto Santander Inspira-te, que visa incentivar projetos universitários com impacto positivo na comunidade. Existem 250 bolsas disponíveis, decorrendo as inscrições até 15 de março. Os promotores pretendem apoiar e inspirar professores, técnicos de ação social, gestores de voluntariado e estudantes para o desenvolvimento de projetos conjuntos com impacto positivo na comunidade. A formação assenta na partilha de conceitos, ferramentas, casos práticos e experiências de projetos no terreno.